



#PRIMAVERAFEMINISTA: NÓS SOMOS LIVRES!

MARIA DAS NEVES¹

Nós, mulheres e meninas, tomamos as redes e as ruas de assalto! A primavera das mulheres floresceu por todo Brasil, contra o machismo, a misóginia e o retrocesso, afirmando a força e a atualidade da luta feminista. Uma resposta ao Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, autor do infame Projeto de Lei 5069 que dificulta o atendimento as vítimas de violência sexual, reforçando a cultura do estupro, flexibilizando o conceito de violência sexual e dificultando o acesso ao aborto legal estabelecido em lei. Por isso, e uma longa lista de outros motivos, Cunha é o inimigo número 1º das Mulheres. O PL foi à fagulha que incendiou a pradaria. O Congresso Nacional mais conservador desde 1964, impôs ao país um agenda de retirada de direitos. A bancada BBB, da bala, da bíblia e do boi, tem se empenhado em atacar os direitos civis, trabalhistas, das mulheres e da juventude: terceirização e flexibilização dos direitos trabalhistas, redução da maioria penal, estatuto da família e heterofobia são alguns dos projetos pautados na Câmara dos Deputados e tem nos levado de volta ao passado.

Um coro de uma diversidade de mulheres, jovens, negras, brancas, estudantes, mães, deficientes, trabalhadoras ecoou pelas ruas do país #ForaCunha! Corpos pintados, com ou sem sutiã, cartolinas na mão e muita criatividade. Marchamos contra o PL, marchamos contra Cunha e tudo

que ele representa. Mas, sobretudo, marchamos pela nossa liberdade! Gritamos com toda forma dos nossos pulmões: NÓS SOMOS LIVRES! E, transformamos a #PrimaveraDasMulheres na #PrimaveraFeminista!

Ainda não inventaram nada mais justo que o feminismo. O FEMINISMO é a luta das mulheres por igualdade. Só queremos ter os mesmos direitos que os homens. Não, feminismo, não é contrário de machismo. O machismo mata, o feminismo liberta. E, liberta as mulheres, mas também os homens. O patriarcado culturalmente enraizado na sociedade por séculos e séculos, dá origem às diversas opressões. Ele é masculino, branco, heteronormativo e monogâmico, gerando o machismo, o racismo, a LGBTfobia. Impõe um único modelo de família e relações sociais e sexuais, padrões comportamentais, naturalizando e justificando a violência contra as mulheres.

Vivemos uma nova onda do feminismo no Brasil e mundo. Nunca antes na história desse país se falou tanto em feminismo. Que bom! “O uso de ferramentas tecnológicas como sites de vídeos e redes sociais é uma das principais características do novo feminismo. Os estudiosos do movimento feminista costumam dividir sua história em três grandes etapas – cada uma delas caracterizada por suas bandeiras e pela incorporação de novos desafios. A primeira onda, no início do século passado, foi marcada pela luta da



***“Companheira me ajude
Que não posso andar só,
Eu sozinha ando bem.
Mas, como você ando melhor!”***

(Ciranda Feminista que tomou conta do Brasil na #PrimaveraDasMulheres)

conquista do poder político, especialmente o direito ao voto. A segunda onda, da década de 1960 até a década de 1980, lutou pelo fim da discriminação e pelo fim de uma estrutura de comando em que somente os homens tinham acesso ao poder. A terceira onda feminista teve início a partir da década de 1990 e contestou as omissões do movimento anterior. Combatia as definições da mulher típicas da segunda fase, que se baseava apenas nas experiências das mulheres brancas de classe média alta, americanas e britânicas. Atualmente, especialistas discutem ainda se estaríamos diante de uma quarta fase do feminismo, definido pelo uso das tecnologias para construir um movimento popular forte, reativo e multifacetado na internet. A nova onda incentiva as mulheres a perceber que a desigualdade não é um problema individual, mas coletivo – e, por isso, precisa de soluções políticas. Outros especialistas discordam da existência da quarta onda feminista e afirmam que o aumento do uso da

internet não seria suficiente para delinear uma nova era. Os novos feminismos seriam uma continuação da terceira onda.”

Apesar de haver muitas controvérsias sobre a metodologia, pauta e ordem cronológica das “ondas feministas”, concordo com a opinião de pesquisadoras da área que afirmam que vivemos a uma nova onda do feminismo, sim. A internet democratizou o acesso ao feminismo, rompendo com o ciclo de desinformação e silenciamento imposto pelos grandes meios de comunicação. Esse processo não tem volta! As meninas estão começando cada vez mais cedo a falar de feminismo, montam seus coletivos já nas escolas e identificam com clareza como o machismo se manifesta no seu dia-a-dia. As campanhas #meuprimeiroassédio e #meuamigosecreto mostram a força dessa nova geração e o papel estratégico das redes sociais para desnaturalizar e enfrentar o machismo e todas as formas de opressões. São



uma ferramenta de formação, informação e mobilização. O que não quer dizer que esta imune da reprodução do machismo, racismo e lgbtfofia, por exemplo. Os opressores também se apropriaram dessa ferramenta, a pornografia de vingança, ato de expor na internet imagens íntimas sem consentimento é um exemplo. Estima-se que cerca de 90% dos casos de pornografia de vingança atingem mulheres, com idades entre 12 e 30 anos.

Em 2010, com a eleição da 1ª Mulher Presidenta da República, Dilma Rousseff, o Brasil deu um grande salto na equidade de gênero, sendo um dos 19 países do mundo que possui mulher na chefia do Poder Executivo. Outro fato que considero para a nova onda do feminismo no Brasil. Dilma inspira e ajuda a resignificar o lugar da mulher na sociedade. Hoje, as meninas aprendem que lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive na Presidência da República. Vários programas sócias do governo tem ajudado a empoderar mais as mulheres, como o “Minha Casa Minha Vida”, “Bolsa Família”, “ProUni”, “PRONATEC. Além, do fortalecimento e ampliação da rede de proteção e enfrentamento a violência contra as mulheres.

Recentemente, o Ministério da Educação (MEC), trouxe no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2015 entre outras questões progressistas o debate de gênero. Cerca de 7 milhões de jovens refletiram sobre a violência contra as mulheres com o tema da redação “A persistência da violência contra a mulher”. Ter uma mulher na Presidência da República faz toda a diferença.

A educação é o um setor estratégico para emancipar a sociedade e combater o ciclo de reprodução das opressões. As bancadas fundamentalistas atacaram duramente a questão de gênero no Plano Nacional de Educação (PNE), combatendo o que intitularam de “ideologia de gênero”, retirando o tema do texto aprovado. Essa ação foi reproduzida nos municípios e nos Estados. O que aponta a necessidade de seguirmos lutando por uma educação não-sexista e libertadora.

O feminismo não tem modelo, nem uma fórmula pronta e acabada. Tanto que é diverso, existem várias correntes feministas. E, hoje esta ainda mais plural. Não existe um único feminismo, mas feminismos. O feminismo tem mudado porque as mulheres mudaram. Todas querem vez e voz para apontar suas demandas e lutar por seus direitos. A definição de ser “mulher” tem se ampliando. Mulher não é apenas quem nasce com uma vagina, por exemplo. A célebre frase de Simone de Beauvoir que caiu no ENEM 2015 já fazia

essa afirmação: “Não se nasce mulher, torna-se!”. Afirmando gênero como uma construção social. As travestis, transexuais se veem como mulheres, são mulheres, sofrem machismo pela identidade de gênero que assumem perante a sociedade e devem ser respeitadas como tal. O transfeminismo esta aí não apenas para afirmar a existência dessas mulheres, mas sobretudo para somar à luta feminista. E, isso só tende a fortalecer nossa luta! Assim como o feminismo lésbico, negro, antiprobicionista, tem ganhado mais visibilidade pautando suas especificidades.

Não é de hoje que nós, mulheres negras, apresentamos a necessidade de enegrecer o feminismo. Falar de mulher negra é falar de duplas, triplas opressões. Sofremos com o machismo, racismo e pela condição social fragilizada que muitas vezes nos encontramos. Ser mulher, negra e pobre, infelizmente, não é uma exceção. Angela Davis, nos Estados Unidos e Lélia Gonzáles no Brasil, pautaram com força a questão racial dentro do feminismo. O feminismo negro, sem dúvida, ajuda a popularizar o feminismo e fazê-lo chegar as mulheres que historicamente mais sofrem as malezas do patriarcado.

Mas, tudo é feminismo! Portanto, o feminismo não é novo, a novidade é a diversidade de mulheres que de acordo com suas peculiaridades tem se organizado para pauta-lo na sociedade e os mecanismo que tem usado, através dos blogs e páginas no facebook, por exemplo. Mas, nas ruas essa diversidade também tem se apresentado com força. Certamente, 2015 é um ano histórico para a luta feminista, foram diversas marchas. Além das históricas passeatas no dia 8 de março, tivemos a 5ª Marcha das Margaridas, reunindo as mulheres do campo, da floresta e das águas, a 1ª Marcha das Mulheres Negras e as marchas das vadias e as marchas do orgulho crespo por todo Brasil. Além, claro da #PrimaveraDasMulheres que levou todas as ruas contra o PL 5069 e pelo #ForaCunha. Ou seja, a diversidade só fortalece o feminismo, só ajuda a fazê-lo chegar a mais mulheres. Todas as mulheres podem e dever ser protagonistas da luta feminista!

POR UM FEMINISMO DE VALESCA POPOZUDA À SIMONE DE BEAUVOIR !

A cultura também sempre foi um instrumento de resistência das mulheres, através da música, das artes plásticas, da literatura, do teatro, por exemplo. Nomes como Pagu, Chiquinha Gonzaga, Cacilda Becker, mulheres à frente do seu



tempo, questionaram as opressões sofridas pelas mulheres. Nos dias de hoje as mulheres do funk e do hip-hop tem mandando a letra. Trazendo à tona os dilemas das mulheres da periferia, enfrentam a violência doméstica, cantam a resistência da mulher negra, o direito da mulher exercer livremente sua sexualidade. A funkeira Valesca Popozuda e Karol Conka, são representantes dessas expressões artísticas, se consideram feministas e sem dúvida tem contribuído para fazer o feminismo alcançar novos seguimentos de mulheres. Elas enfrentam espaços ainda majoritariamente masculinos e machistas. O protagonismo delas nos palcos é simbólico e ajuda a estimular o empoderamento de outras mulheres.

Todas as mulheres podem e devem ser feministas. Não há um “feministrômetro” que meça quem é mais ou menos feminista. Para ser feminista não precisa ter diploma, se quer precisa ter entrado na Universidade. Muitas mulheres são feministas e não sabem. Se você se indigna com a desigualdade salarial entre homens e mulheres, com a encochada no transporte público ou com o PL 5069 do Cunha que reforça a cultura do estupro, você pode até não saber, mas é feminista. Esse é nosso grande desafio: popularizar o feminismo!

E, para tanto devemos superar duas falsas polêmicas: **igualdade x diferenças e luta geral x luta específica.**

Segundo Carla Rodrigues, Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), “a reivindicação da igualdade e a garantia das diferenças se combinam na luta feminista por uma sociedade mais justa. Nem a igualdade elimina a diferença, nem a diferença exclui a igualdade. Afirmar a singularidade das mulheres ou defender a igualdade de direitos é o falso dilema que desafia o feminismo.” Outra falsa polêmica no movimento feminista esta entre a luta geral e luta específica. Para Ana Rocha, Secretária de Mulheres do Rio de Janeiro e Dirigente da União Brasileira de Mulheres, “apesar do desgaste, esse enfrentamento contribuiu para elevar o nível de consciência sobre a situação de discriminação e opressão específica da mulher na sociedade e a busca de caminhos para resolver essa questão. Além de aprofundar o amadurecimento sobre o tipo de organização e o caminho a trilhar para total emancipação da mulher.” Ou seja, não há contradição em lutar em defesa da legalização do aborto e em defesa de uma Reforma Política Democrática que assegure mais mulheres comprometidas com a luta feminista no parlamento, por exemplo. Só elegendo mais mulheres teremos mais condições de pautar com força na sociedade debates estratégicos para nossa emancipação como os acerca dos direitos sexuais e reprodutivos.



São grandes os desafios do feminismo na atualidade e requer amplitude para torna-se mais forte e derrotar a onda conservadora que se expressa descaradamente no país, incentivando o ódio e a violência contra as mulheres. Chegamos ao século XXI comemorando vitórias importantes, defendendo os direitos conquistados e lutando por mais avanços. Algumas bandeiras seguem atuais, a luta pelo fim da violência contra as mulheres, salário igual para trabalho igual, legalização e descriminalização do aborto e com a conquista do voto segue a luta pela ampliação da participação das mulheres no parlamento.

O Mapa da Violência 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), aponta um aumento de 54% em dez anos no número de homicídios de mulheres negras, passando de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. No mesmo período, a quantidade anual de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%, saindo de 1.747 em 2003 para 1.576 em 2013. no Brasil, 55,3% desses crimes foram cometidos no ambiente doméstico e 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas, com base em dados de 2013 do Ministério da Saúde. O país tem uma taxa de 4,8 homicídios por cada 100 mil mulheres, a quinta maior do mundo, conforme dados da OMS que avaliaram um grupo de 83 países. Segundo o DataSenado, Uma em cada cinco mulheres já sofreu algum tipo de violência doméstica ou familiar - cerca de 18% das brasileiras. Em 49% dos casos, o agressor é o marido, companheiro ou ex. São 5 espancamentos a cada 2 minutos (Fundação Perseu Abramo/2010), 1 estupro a cada 11 minutos (9º Anuário de Segurança Pública/2015), 1 feminicídio a cada 90 minutos (Violência Contra a Mulher: feminicídios no Brasil (Ipea/2013), 179 relatos de agressão por dia (Balanço Ligue 180 – Central de Atendimento à mulher/ jan-jun/2015), 43 mil mulheres assassinadas em 10 anos, 41% em casa (Mapa da Violência 2012).

Anualmente cerca de 1 milhão de abortos anualmente são realizados no Brasil, segundo a OMS, é a 5ª causa de morte materna de acordo com o Conselho Federal de Medicina. A maioria das mulheres submetidas ao aborto clandestino e inseguro, são jovens negras e pobres que acabam morrendo. O aborto é uma questão de saúde pública! No mercado de trabalho, apesar de possuir cerca de 3 anos a mais de escolaridade que os homens, as mulheres ainda ganham 30% menos ocupando as mesmas funções que os homens. Os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as brasileiras ganham, em média, 76% da renda dos homens.

Quanto a representação política no parlamento, as mulheres são mais de 50% do eleitorado e representam menos de 9% do Congresso Nacional. O Brasil ocupa a 156ª posição do ranking de 188 países no que tange a participação feminina nos parlamentos. Há menos de 100 anos conquistamos o direito ao voto, mas sermos eleitas segue sendo um desafio. Nesse sentido devemos comemorar o fim do financiamento empresarial de campanha sancionando pela Presidenta Dilma na Reforma Política, passo importante na luta contra a corrupção e que descortina um novo horizonte para as candidaturas femininas.

Os dados acima só reforçam a afirmação: o feminismo não é apenas justo mais necessário! Somos assassinadas, recebemos menores salários, por exemplo, exclusivamente pelo fato de sermos mulheres. Há um ódio contra as mulheres que precisa ser combatido e superado. E, só vamos nos livrar das amarras sociais impostas pelo patriarcado quando atualmente derrotarmos o capitalismo, implementarmos mais políticas públicas que construam a igualdade de gênero e sobretudo com o aprofundamento da democracia. Com o avanço do conservadorismo, fundamentalismo e do golpismo no Brasil, os direitos das mulheres, da população LGBT, da juventude e dos trabalhadores retrocedem.

A **#PrimaveraFeminista** deve transformar-se na **#PrimaveraDemocrática** contra qualquer tentativa de golpe e interrupção do mandato da 1ª Mulher Presidenta do Brasil assegurado pelo resultado soberano das urnas pelo voto popular. Voto de milhares de brasileiros. Mas, sobretudo o voto de milhares de brasileiras que confiam na capacidade política de uma mulher no comando da nação e acreditam na força do projeto coletivo que ela representa e que tem mudado a vida das mulheres e do povo brasileiro. As mulheres foram às ruas contra a Ditadura Militar, pela redemocratização do país e em defesa da Anistia. E, mais uma vez somos convocadas à defender não apenas um governo, mas a própria democracia. E, não há nada mais feminista do que defender a democrática!

“PISA LIGEIRO, PISA LIGEIRO QUEM NÃO PODE COM AS MULHERES NÃO ATIÇA O FORMIGUEIRO!”